

Já ficou sócio do Sindividro?

“Se está difícil com o Sindividro, sem ele vai ficar ainda pior”

Durante a ação para obter a autorização ao desconto do imposto sindical, os dirigentes do Sindividro aproveitaram a oportunidade para impulsionar a campanha de sindicalização. E o retorno foi bastante positivo. Os trabalhadores estão convencidos da importância da entidade sindical, mesmo em tempos de nova legislação trabalhista.

Surpreendente tem sido o argumento utilizado tanto por aqueles que sindicalizaram como por quem autorizou o desconto do imposto sindical: “se está difícil com o Sindividro, sem ele vai ficar ainda pior”.

O sindicato não é um simples clube de serviços. Seu papel é maior e mais amplo. Mesmo com as mudanças na legislação trabalhista, que muitos consideram benéficas, pois, em tese, dá ao trabalhador direito de negociar livremente com seu patrão, o sindicato não perdeu importância. Ele continua sendo vital.

E sabem por quê? Porque não existe livre negociação entre trabalhadores e patrões. Ou alguém acha que pode chegar na sala do dono da empresa e dizer que está ali para negociar um generoso aumento de salário e um amplo pacote de benefícios? Depois de rir muito da

sua cara, ele vai mandá-lo direto ao RH para assinar a demissão.

E com um argumento irrefutável: por que devo aceitar esta sua reivindicação, se lá fora encontro, no mínimo, uns 10 iguais a você, dispostos a trabalhar até mais, ganhando menos?

Ao contrário do que os patrões diziam antes da reforma da legislação trabalhista, o sindicato tornou-se ainda mais necessário para o trabalhador. Portanto, o ato de sindicalizar-se tem um caráter muito maior do que uma simples relação de serviço. Associar-se a ele significa reconhecer a sua importância e a necessidade de fortalecê-lo.

Maioria dos desempregados sobrevive de bicos ou trabalhos temporários

Pesquisa feita pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) aponta que um terço dos 13,1 milhões de brasileiros desempregados sobrevive fazendo bicos ou trabalhos temporários, geralmente informais; 29% pedem ajuda financeira à família ou a amigos; e 7% recebem auxílio do programa Bolsa Família. Apenas 2% utilizam poupança ou investimentos.

O estudo constatou o óbvio: a falta de trabalho provocou a queda no padrão de vida de seis em cada dez brasileiros.

Entre os trabalhos informais mais comuns, estão os serviços gerais (21%), como manutenções, pedreiro, pintor, eletricista; produção de comida para vender (11%), como marmita, doces e salgados; serviços de diaristas e lavagem de roupa (11%) e serviços de beleza, como manicure e cabeleireiro (8%). A média de dedicação a esse trabalho é de três dias por semana.

Essa periodicidade revela, segundo o SPC/CNDL, não apenas uma escolha, mas escassez de oportunidade, pois apenas 12% dos

que fazem bicos consideram que está fácil conseguir esses trabalhos.

BICO NÃO PAGA CONTAS

O levantamento revelou também que 41% dos desempregados possuem contas em atraso, sendo que 27% estão com o nome negativado em serviços de proteção ao crédito. Os débitos mais frequentes são parcelas no cartão de loja (25%), faturas do cartão de crédito (21%), contas de luz (19%), contas de água (15%) e parcelas do carnê ou crediário (11%). O tempo de atraso médio das dívidas é de quase sete meses e o valor é de R\$ 1.967, em média.

Em relação aos hábitos de consumo, a pesquisa mostra que mais da metade (52%) dos desempregados brasileiros abandonou algum projeto ou desistiu da aquisição de um sonho de consumo por causa da demissão. As iniciativas mais frequentes foram deixar fazer reserva financeira (28%), voltar atrás no plano de reformar a casa (25%), desistir de comprar ou trocar o carro (17%) e deixar de comprar móveis para a residência (17%).

Foram citados ainda os planos de abrir o próprio negócio (16%), realizar uma faculdade ou pós-graduação (14%) e fazer uma grande viagem (13%). Também foi alto o percentual (38%) dos que disseram não ter sonho algum.

MUDANÇAS NO PADRÃO

Quase metade dos desempregados (46%) passaram a pedir dinheiro emprestado a amigos e familiares e 30% recorreram ao cartão de crédito. Como contenção de gastos, 63% optaram por marcas mais baratas na hora das compras. O levantamento revela ainda que 68% dos entrevistados passaram a fazer mais pesquisas de preços, além de pechinchar (62%).

